

Apresentação

Nesta edição, **Verso e Reverso** dedica-se em quase toda sua extensão ao fenômeno midiático contemporâneo.

Na abertura, Angela Zamin, Cleusa Jung e Taiz Richter, da UFSM de Frederico Westphalen, dão ideia de como *O Estado de S. Paulo* aborda em reportagens, a presença de crianças-soldados em conflitos armados. Um mapeamento desenhado entre 2007 e 2016 evidenciou que das 88 fontes utilizadas pelos jornalistas, 14 eram vítimas: meninos-soldados ou escravas sexuais.

Felipe Correa de Mello, da ESPM, esclarece os embates discursivos sobre a ditadura civil-militar brasileira de 64. Na tensão entre as memórias hegemônicas constituídas com base na circulação de discursos midiáticos e o esquecimento de múltiplas dimensões da ditadura, provocado em torno de acontecimentos silenciados pelas mídias, o pesquisador constatou que nos cabe situação de carência de uma cultura de memória do tempo recente.

As audiovisualidades formulam a segunda parte da revista.

Francisco Aquinei Timóteo Queirós e Francielle Maria Modesto Mendes, da UFA, analisam o documentário *O Acre existe*. Na sequência, Isabel Cristine Machado de Carvalho e Manoel Pereira da Rocha Neto, da Universidade Potiguar, esquadrinham os elementos de bruxaria utilizados na construção da trama na série *Salem*.

Algumas telenovelas brasileiras e o ritual a que dão lugar no cotidiano simbólico dos brasileiros, segundo Clarice Greco, da UNIP, deixam espaço para discussão do conceito de TV *cult* e da possível aura que projeta. Já no documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, produzido pela MTV, o foco foi a jornada de sofrimento e superação de celebridades. Igor Sacramento, da Fiocruz, e Douglas Ramos, da UFRJ, evidenciaram que, em diferentes posições discursivas, Demi Lovato, que sofria de bulimia e tentou se livrar da angústia com automedicação e abuso de drogas, foi recriada como heroína de si mesma, graças à exposição de suas fraquezas, problemas e desgraças.

Alexandre Augusti, da Unipampa, expõe a verticalidade do hedonismo no estudo do gênero *noir* no cinema. Do clássico, ao contemporâneo, diz Augusti, trata-se do eixo do gênero, amparado pela figura da *femme fatale*.

No encerramento, Vera Sirlei Martins, da UFSM, proporciona um mapeamento das pesquisas em comunicação que adotaram abordagens feministas e de gênero. A análise dos resumos de 75 trabalhos publicados entre 2005 e 2014 revelou, segundo a autora, um potencial de visibilidade das mulheres na Comunicação.

Boa leitura!

Beatriz Marocco
Editora